

## É O TEMPO DOS GESTOS NOS SINAIS *IT'S TIME FOR GESTURE IN SIGNS*

Gustavo Godoy<sup>1</sup>

### RESUMO

Trato da referência temporal espaço-visual em diferentes línguas faladas-e-gesticuladas e sinalizadas, partindo da discussão apresentada em *Por uma gramática de línguas de sinais* (FERREIRA, 1995). Apresento cinco microestudos. Após introduzir as questões (§2) e meus dados (§3), traço um perfil etnográfico da língua de sinais ka'apor (LSK), majoritariamente usada por ouvintes com laços socioespaciais com surdos. §4 descreve a referência temporal na LSK e na língua ka'apor (da família tupi). Com dados primários, apresento os sinais temporais e suas relações com as contrapartidas lexicalizadas da língua falada e de seus gestos. Classifico três subsistemas: lexicalização da periodicidade diária pela imagem da dormida (§4.1); advérbios que indicam transições de luminosidade celeste (§4.2) e apontamentos para a trajetória dos astros como lexicalização dos “horários” do dia (§4.3). Em §5, discuto a recorrência do sistema de temporalização por apontamentos explicado em §4.3. O subsistema por apontamento está presente em outras línguas faladas (§5.1), e é recorrente também em outras línguas de sinais de matrizes socioculturais diversas das institucionais e europeizadas (§5.2). Em §6, comparo os sinais da língua neobrasileira de sinais (Libras) com os gestos temporais do português neobrasileiro. Observo o compartilhamento, entre surdos e ouvintes neobrasileiros, de esquemas subjacentes ao domínio-alvo do tempo. À luz destes microestudos, reconsidero as conclusões de Ferreira (1995 [1983]) (§7). Enfatizo sua contribuição comparatista entre línguas de diferentes modalidades semióticas e de diferentes matrizes socioculturais (§8).

**PALAVRAS-CHAVES:** língua de sinais ka'apor; estudos gestuais; tempo; metáfora conceitual

### ABSTRACT

This article deals with the spatial-visual temporal reference in different spoken-and-gesticulated and signed languages, starting from the discussion presented in *Por uma gramática de línguas de sinais* (FERREIRA, 1995). I present five microstudies. After introducing the questions (§2) and my data (§3), I trace an ethnographic profile of the Ka'apor sign language (LSK), mostly used by hearings with socio-spatial ties to the deaf. §4 describes the time reference in LSK and the Ka'apor language (Tupian). With primary data, I present the temporal signs and their relations with similar lexicalized units of the spoken language and its gestures. I classify three subsystems: lexicalization of daily periodicity by the image of sleep (§4.1); adverbials that indicate transitions of celestial luminosity (§4.2), and pointing to the trajectory of the stars as a lexicalization of the “hours” of the day (§4.3). In §5, I discuss the recurrence of the timing system by pointing explained in §4.3. The pointing subsystem is present in other languages spoken (§5.1). It is also recurrent in other sign languages of socio-cultural matrices other than institutional and Europeanized ones (§5.2). In §6, I compare the signs of the Neo-Brazilian sign language (Libras) with the temporal gestures of Neo-Brazilian Portuguese. I observe the sharing, between deaf and Brazilian listeners, of schemes underlying the target domain of time. In the light of these microstudies, I reconsider Ferreira (1983) (§7), emphasizing her objective of comparing languages of different semiotic modalities and different socio-cultural matrices (§8).

**KEYWORDS:** ka'apor sign language; gesture studies; time; conceptual metaphor

---

<sup>1</sup> Pesquisador Independente. Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ. Contato: gutzii@gmail.com.

## 1. Introdução

### 1.1. Questão: o intangível Tempo e os esquematismos que o estruturam

O tempo é um imponderável da existência. Entretanto, é imperceptível em seu puro desenrolar. A temporalização de eventos codificada nas línguas exige um mapeamento conceitual que defina e materialize sucessões, concomitâncias, durações e o uso de momentos salientes como referência para localizar outros eventos.

Como proposto por Lucinda Ferreira (1995, cap. 13), o estudo dos sinais temporais pode ser orientado pela teoria da metáfora conceitual, isto é, pela apreensão de esquematismos que embasam o léxico e a gramática (LAKOFF; JOHNSON, 1980). A referência temporal é um domínio dependente e sustentado por domínios-fontes imagético-espaciais. Embora seja um fenômeno básico da experiência humana, o tempo não é uma estrutura elementar, um númeno linguístico, pois mobiliza uma infraestrutura conceitual subjacente que deve ser analisada.

Como um relógio reifica as horas do dia, os domínios-fontes veiculam as intangíveis formas do tempo. A estrutura da temporalização pode derivar da imagem de uma trajetória espacial, quando um imaginário *ego em movimento* posiciona o passado *para trás* e *vê* o futuro à frente. O presente é o aqui-agora, localizado na região proximal do tronco, segundo esta perspectiva egocêntrica. A temporalização de eventos entre si pode ser estruturada como uma distância entre dois entes. Neste caso, teremos acontecimentos em um futuro *próximo* ou em um passado *distante*.

O objetivo deste artigo é a apresentação de novos dados do povo ka'apor a reformulação da comparação proposta por Lucinda Ferreira.” Ao contrário de Ferreira, argumento que os sinais temporais da LSK não são baseados em *metáforas* conceituais, tal como na Libras e nos gestos de neobrasileiros. Os sinais temporais da LSK são apontamentos para locações que sol e lua assumem no decorrer de sua trajetória diária. São índices dêiticos que fazem referência às posições dos astros, segundo subdivisões convencionais de sua trajetória pelo céu. São como um ponteiro terrestre de um relógio que apontam para os horários celestes. Os ouvintes ka'apores utilizam-se sistematicamente do mesmo sistema de apontamento, conjugado com suas expressões temporais da língua falada.

O trabalho de McNeill (2005) propõe a aplicação da teoria da metáfora conceitual aos gestos, correlacionando-a com as propostas de Mandel (1976, 1977) sobre as estruturas imagéticas da língua estadunidense de sinais (ASL). A análise de Mandel foi expandida para línguas de sinais não ocidentais e para a análise de gestos por Kendon (1980, 2004), retomadas por Müller (2014). Creio que minha

reavaliação está em consonância com as correções e esclarecimentos da edição de 2003 do livro de Lakoff; Johnson (1980, p. 264-267), que tratam da metonímia.

Estas linhas teóricas são consoantes com modelos fonológicos mais recentes de Stokoe (1991), geralmente obliterados pelas citações de seu trabalho de 1960, marco da narrativa mestra sobre a origem da linguística de sinais (cf. a introdução do presente volume).

Igualmente, não há como me ater exhaustivamente a todas as fontes teóricas ou limites da questão do tempo. Tanto na linguística, como na antropologia, na sociologia do conhecimento ou ainda na filosofia da física, a questão do tempo é *extensa* no espaço linear da escrita configurada em páginas (EVANS 1997) e gerou célebres mal-entendidos, como os derivados de Whorf (1949; 1950).

## 1.2. A comparação

Minha comparação se baseia em dois eixos. O primeiro eixo é o das modalidades semióticas distintas: de um lado, as línguas sinalizadas e, de outro, as línguas faladas-gesticuladas. O segundo eixo é o contraste entre duas matrizes socioculturais diversas. Uma, a ka'apor, é ameríndia aldeã sem estruturas institucionais que regulem a educação ou interação entre surdos e dos surdos com os ouvintes. A outra, é uma urbanizada institucional de filiação neoeuropeia, é a língua de sinais neobrasileira oriunda de centros urbanos, a Libras.

Uma abordagem que contribuiu para o entendimento dos sinais é o campo de estudos gestuais, sistematizados em torno de duas figuras principais. McNeill (2005) enfatiza a importância de considerar a gesticulação como parte saliente da capacidade da linguagem. O outro, Kendon (2004) busca explorar diferentes formas da “ação visível enunciativa” [*utterance visible action*], o uso de articuladores na modalidade gesto-espacial como parte intrínseca da enunciação, junto com a fonação, foco das análises linguísticas dos idiomas falados, que – não devemos esquecer – também são gesticulados.

Noto a importância de incluir uma intersecção transcultural na comparação translinguística da modalidade gesto-visual. Isto é, além de comparar línguas sinalizadas de matrizes socioculturais diversas, tal como fez Ferreira ao comparar LSK com Libras, deve-se adicionar uma triangulação de perspectiva, incluindo a análise dos gestos e sua integração nas línguas faladas contíguas. Ferreira buscou esta comparação transcultural, entretanto, ignorou os gestos. Isto é compreensível pois o campo dos estudos gestuais era, na época, ainda mais débil do que o então frágil campo da linguística de sinais.

O inventário gestual de uma língua falada é parte integrante e ativas em sua estrutura. A gesticulação é parte essencial do fenômeno da linguagem humana. A comparação entre as línguas de diferentes modalidades semióticas (sinalizadas ou faladas) deve levar em conta os gestos que acompanham a fala. Os gestos são uma interseção saliente entre as duas modalidades semióticas, onde ocorre um bimodalismo presente em todas as línguas faladas.

Os gestos, inicialmente afastados do fenômeno da linguagem, ao qual as línguas de sinais reivindicaram sua pertinência, devem ser recolocados no campo de pesquisa da modalidade gesto-visual das línguas. Os gestos, ao reencontrarem as línguas em um novo plano de comparação, indicam um novo entendimento da referência temporal. Afinal, o tempo é meio de separação e de entendimento, é busca pelo ordenamento e sincronia entre perspectivas e eventos.

No Brasil, Lucinda Ferreira iniciou a pesquisa que considerou as línguas de sinais como objetos dignos de ciência. A linguística, ao colocar os sinais dentro da área demarcada do que pode ser uma “Língua Humana”, estabeleceu outra fronteira, entre modalidades semióticas.

[...] a modalidade de língua (gestual-visual ou oral-auditiva) pode impor restrições à estruturação da língua, fato aliás, enriquecedor para os estudiosos da linguagem, que vêm considerando a hipótese da existência de universais linguísticos, contrapondo-se às especificidades próprias de uma língua, decorrente de fatores socioculturais. Não levar em consideração as restrições decorrentes da modalidade (*médium*) de língua implica correr o risco de encontrar falsos universais linguísticos ou falsas especificidades culturais de uma língua. (FERREIRA, 1995, p.29)

Estas observações de Ferreira são pertinentes para calibrar melhor o caso do “tempo”, nas estruturas linguísticas e em suas formas conceituais. Entretanto, se as línguas forem separadas apenas por área linguística (ou cultural) e modalidade, os gestos estão fora do país do ser que podem ser considerados “linguísticos”. Em relação a estas duas separações (cultural-areal e de modalidade), devemos estabelecer um duplo vínculo, operado pelos gestos.

Os gestos são parte intrínseca das línguas faladas (que sempre são “bimodais”) e se realizam no mesmo meio que as línguas de sinais (a modalidade gesto-visual). As línguas de sinais e os gestos de ouvintes contíguos padronizam traços areais em suas metonímias, metáforas conceituais e imagens que embasam conceitos em comum. Podemos observar isso, de um lado, nos ouvintes ka’apor e na LSK e, de outro, nos ouvintes neobrasileiros e na Libras. Para fazer uma comparação efetiva entre línguas e suas formas de veicular o pensamento sobre o mundo, devemos olhar para as mãos daqueles que ouvem e falam.

Algumas línguas de sinais estão em contatos com idiomas da área europeia padrão, tal como a

Libras e ASL, e compartilham com os falantes destas línguas europeias conceitos abstratos similares, como no caso da linearidade do devir temporal. Outras línguas, fora desta área linguística, línguas de sinais mais afastadas da matriz neoeuropeia (§5), podem apresentar formas conceituais diversas.

É necessário um comparatismo “bimodal”, que leve em conta gestos, línguas faladas e sinalizadas de diferentes áreas linguístico-culturais para discernir as diferentes possibilidades linguísticas. A comparação deve levar em conta línguas diversas quanto à origem (diversidade genética e geográfica), propriedades tipológicas (diversidade estrutural), e quanto ao canal de transmissão (línguas sinalizadas e faladas). O quarto e último termo de comparação são os gestos.

Por um lado, os gestos são articulados em sincronia a suas línguas orais, com as quais mantêm relações diversas. Por outro, os gestos são articulados no mesmo canal das línguas de sinais, com as quais compartilham formas conceituais imersas em movimentos e locações que em si já codificam o sentido, que mapeiam o tempo como elementos espaciais. Os gestos podem também ser convencionais e gramaticalizados. Uma “língua oral” não se resume apenas ao que falamos e ouvimos, senão que também ao que gesticulamos e vemos os outros gesticular.

O tempo parece ser cíclico: através da “passagem do tempo”, os 25 anos, celebramos a volta de nossos ancestrais - como Lucinda Ferreira, ponto de origem da linguística de línguas de sinais no Brasil. A história é um convite aos nossos ancestrais habitarem o presente. Assim, cabe um gesto de oferenda às questões sistematizadas por Ferreira (1995): o estudo dos gestos e ampliação do olhar às línguas de sinais alheias à matriz educacional europeia.

### 1.3. Objetivos e estrutura do artigo

Baseado em dados primários (§2), descrevo um perfil etnográfico e sociolinguístico da base social da língua de sinais ka’apor em contraste com a Libras (§3). Realizo uma comparação entre a LSK e a língua falada contígua, o ka’apor (da família linguística tupi). Depreendo três subsistemas de sinais temporais, que diferem no tipo de esquematismo que embasa a lexicalização e estão presentes na fala e nos gestos dos ouvintes (§4).

O primeiro subsistema (§4.1) lexicaliza a periodicidade diária através da imagem de dormir, tanto na língua sinalizada como na falada. É utilizado para tornar contável a passagem do tempo diário. O segundo (§4.2) lexicaliza os momentos de transição luminosa do céu, a manhã por oposição à noite. São sinais adverbiais de tempo, enquadram os eventos através dos momentos luminosos distintivos. Este sistema apresenta contrapartidas na língua falada ka’apor, onde é mais desenvolvido, visto que

existe um inventário maior de advérbios de localização temporal em relação à transição luminosa do céu do que os lexicalizados em sinais. Estes sinais estão presentes como gestos convencionais, utilizados pelos ouvintes do povo ka'apor.

Saliento o terceiro subsistema (§4.3) de referência temporal através de apontamentos que demarcam pontos ou trajetórias no arco celeste. Este sistema é utilizado por surdos e ouvintes. Além de estar presente em outras línguas não europeias, sejam faladas ou sinalizadas (§5). A temporalização por apontamentos por onde os astro circulam está presente em nheengatu, da família tupi, como o ka'apor. Em §5.1., retomo as conclusões de Floyd (2006) sobre o sistema de gestos do nheengatu interpretado como uma “microlíngua de sinais” especializada *dentro* de uma língua falada (§5.1). Os apontamentos são integrados à fala, de modo convencional, apresentando características morfológicas produtivas. Em §5.2., recenseio as descrições de outras línguas de sinais de matrizes diversas das zonas urbanizadas e europeizadas que, assim como o caso ka'apor e nheengatu, apresentam a referência temporal por apontamentos.

Em §6, retomo a análise de Lucinda Ferreira (ex-Brito) (1983 [1995]) do ponto de vista dos meus novos dados e da comparação com outros sistemas de temporalização por apontamento celeste (§5). Busco atualizar a intenção do artigo de Ferreira, reformulando os parâmetros de sua comparação.

Como proposto por Ferreira, contraste o caso ka'apor e o caso neobrasileiro das áreas urbanizadas e com instituições que envolvem os surdos (§7). Como no caso ka'apor, argumento que se deve estudar os sinais da Libras em relação à gestualidade neobrasileira dos ouvintes. A língua neobrasileira de sinais (Libras) e os gestos do português neobrasileiro apresentam esquemas imagéticos similares, alguns dos quais não se encontram nos esquemas conceituais ka'apores.

## 2. Os dados

Entre 2014 e 2018, convivi 18 meses com os ka'apores, em suas aldeias localizadas na Terra Indígena Alto Turiaçu, no estado do Maranhão. Passei a maior parte do tempo nas aldeias Xie (onde número de surdos variou entre 1 e 2) e na aldeia Axingi (com 5 surdos). Morei e visitei outras aldeias, onde não havia moradores surdos, mas a língua de sinais era conhecida e praticada com visitantes surdos, como a aldeia Turizinho.

Todas as minhas viagens e estadias na Terra Indígena Alto Turiaçu foram realizadas com a autorização específica dos caciques de cada aldeia em que estive, que controlam a circulação dos não-indígenas, bem como a divulgação de suas imagens. Igualmente, contei com a ciência e

consentimento da Associação *Ka'apor Ta Hury*, que representa o povo em suas políticas externas. As sessões de gravação foram obtidas com o consentimento, tendo eu exibido publicamente os vídeos gravados para os consultores e outros membros das aldeias.

As gravações audiovisuais apresentadas no artigo são de narrativas, em que há referência temporal no desenrolar dos eventos contados. Os exemplos de LSK provêm tanto de consultores surdos, Irasui e Jarara Pirã, como de ouvintes, Valdemar e Filomena. Para comparação dos sinais com os gestos, a narrativa sinalizada por Valdemar, foi recontada em língua falada por ele mesmo e Naji. As imagens contam com *hiperlinks* para os vídeos de onde extraí os exemplos e realizei a segmentação interlinear, com a consultoria dos ka'apores.

Os dados da Libras e do português neobrasileiro foram retiradas da internet. O dado do wa'ikhana é de Kristina Balykova, não publicado e cedido para o presente artigo.

### 3. O povo ka'apor, seus surdos e seus sinais

O povo ka'apor habita os restos florestais da Amazônia Oriental, no Maranhão, na Terra Indígena Alto Turiaçu. Sua língua falada filia-se à grande família linguística tupi. Entre os ka'apores há uma língua de sinais própria para comunicação com os surdos, noticiada desde Kakumasu (1968). A surda Inambu, a mais antiga de que se tem notícia, nasceu por volta dos anos 1890, segundo Ribeiro (1996). Não é possível saber exatamente a antiguidade da língua de sinais ka'apor e se ela já existia antes da surda Inambu, lembrada hoje apenas pela geração mais velha dos ka'apores. Se a LSK existisse nas gerações imediatamente anteriores à da surda Inambu, talvez tenha a mesma profundidade temporal da organização institucional da Libras, cujo polo educacional – o Instituto Imperial de Surdos Mudos – foi criado em 1856.

Atualmente, contam-se entre 13 a 15 pessoas surdas do povo ka'apor, desde crianças até idosas, distribuídas por cinco aldeias (0,6 a 0,75% da população total – estimada entre 2.000 e 2.300 pessoas). As duas maiores aldeias concentram a maioria dos surdos e, por isso, metade da população ka'apor – está em contato diário com surdos.

O uso da LSK é motivado pelos surdos, nas aldeias em que moram ou nas que visitam. Entretanto, os ouvintes são peça fundamental da base social da língua, pois são a maioria dos usuários. Os surdos são usuários “motivadores” – a razão do uso da língua de sinais. Os ouvintes, em contrapartida, são sinalizadores “adaptados” – isto é, favoráveis a usar a modalidade gesto-visual como meio estabelecido de comunicação, bem como disseminadores e transmissores dos sinais. Na sociedade ka'apor, não há

interação privilegiada entre surdos, em detrimento dos ouvintes. Isto se deve, em parte, ao pequeno número absoluto de surdos. Além disso, os surdos não têm acesso à língua falada.

A aceitação imediata e a difusão da comunicação em LSK não implica que todos ka'apores se considerem qualificados e tenham a mesma competência nos sinais. Grande parte das pessoas sinalizam, mas não todos, tampouco com a mesma competência. Algumas pessoas dizem que não sabem sinalizar. Entretanto, ao encontrar um surdo, sinalizam algo. Presente provavelmente em todas as línguas de sinais, esta diferença na competência de sinalização depende da antiguidade do contato com um surdo e da regularidade na convivência de um ouvinte com surdos, sejam aparentados, vizinhos ou amigos.

Facilmente o surdo ka'apor vai para qualquer aldeia e sempre se faz entender e é entendido. Como os surdos facilmente se regularmente com os ouvintes, não há a figura formal de intérpretes nas aldeias ka'apor. Para conseguir uma tradução de conversas faladas em seu entorno, um surdo deve, em geral, querer se informar e questionar sobre o tema ou um concidadão ouvinte toma iniciativa de fazer uma interpretação, ao estilo de uma tradução livre, para o surdo.

Em resumo, a base social da LSK é composta minoritariamente por surdos e majoritariamente por ouvintes com quem criam laços de sinalização, compartilhados através da interação socioespacial local e regional (REED, 2019). Como o conjunto destes laços não é criado prioritariamente entre surdos, a surdez não aparece como um marcador social a ser reivindicado (surdidade).

A infraestrutura sociológica da LSK é bem diversa das línguas de sinais institucionais neoeuropeias, tal como a Libras. Nos contextos urbanizados, as línguas de sinais funcionam como um marcador social de diferença. Sua constituição enquanto traço diferencial foi interpretada através de uma chave biológica como uma “deficiência auditiva” e expressa através de uma ideologia linguística que nega as propriedades gramaticais das línguas de sinais. O “audismo”, ou ideologia linguística ouvintista, reivindica que apenas as línguas faladas seriam expressão plena do poder cognitivo humano, pois teriam “abstração”, ao contrário das línguas de sinais, demais “concretas” (GERTZ; BAUMAN, 2016; HUMPHRIES, 1975).

Através da luta política dos movimentos surdos urbanos, a língua de sinais é reivindicada como um marcador étnico positivo (da surdidade), sustentáculo de uma unidade social imaginada (a comunidade surda). De certa forma, os surdos importam a ideologia linguística das línguas nacionais (faladas), determinada pela história recente das línguas europeias e da reivindicação de comunidades nacionais: a língua “nacionalizada” é um meio do “culto da Nação” (BURKE, 2010).



É uma ideologia que sustenta uma institucionalização da língua de sinais nacional como meio de comunicação pedagógica autossuficiente. É reivindicada uma proteção estatal que passa a considerar os sinais como “meio legal de comunicação e expressão” e exigir recursos materiais e simbólicos para seu sustento. O Estado procura generalizá-la de forma parecida com a língua falada dominante, o idioma oficial.

A partir destas mudanças nas políticas linguísticas, as línguas sinalizadas foram concebidas como objetos plenos da linguística, ciência que muitas vezes veiculou ideologias do Estado-Nação e de outras instituições de poder, como as escolas oralistas. As línguas de sinais passam a ser estudadas em sua estruturação gramatical e voltam a ser consideradas “línguas naturais”.

Em descompensação, a cada nova concepção surge uma nova bisonharia. A “inclusão” das línguas de sinais como um novo fenômeno no escopo da linguística recria uma separação interna à modalidade gesto-visual. Ao considerarem os sinais como língua legítima, alguns opõem os sinais aos gestos, que seriam infralinguísticos ou paralinguísticos. Os gestos são excluídos do entendimento do poder cognitivo e comunicativo das línguas, sejam sinalizadas ou faladas.

Além dos gestos, outra exclusão foi criada, a dos assim chamados “sinais caseiros” que seriam espécies inferiores, como “infralínguas de sinais”. Esta pressuposição cria a imagem quimérica de uma comunicação linguística sem estrutura.

Os estudos sobre os sinais de crianças surdas em famílias ouvintes explicitaram que estes pré-conceitos não apresentam fundamento. Não há surdos “sem língua de sinais”, as línguas de sinais caseiras são sistemáticas e cumprem as mesmas funções básicas que as outras línguas (GOLDIN-MEADOW, 2012). Além disso, as “línguas de sinais caseiras” infantis de centros urbanos individualistas apresentam uma socialidade diferente de línguas de sinais caseiras de adultos em regiões rurais (NYST; MAGASSOUBA, 2012).

Entre os ka’apores, não há uma ideologia linguística que exclua o canal gesto-visual como meio de comunicação legítimo. Na vida social ka’apor, os sinais são um meio pleno para comunicação, através do qual apresentam conhecimentos sobre ritos antigos, sobre o mundo espiritual, contam piadas, planejam as atividades econômicas, comentam sobre o que viram nos sonhos, sobre suas opiniões e projetos. Em suma, os surdos comunicam-se de maneira plena, ampla e profunda sobre os aspectos simbólicos do mundo e da vida sociocultural.

As línguas de sinais alheias à Libras não devem ser mensuradas tendo como base de comparação

os surdos urbanizados neobrasileiros. A configuração social da LSK deve ser *contrastada* com os pressupostos sobre “comunidade Surda” própria dos surdos neobrasileiros e utilizada para descrever a base social da Libras. A Libras surgiu de uma matriz sociocultural europeizada, presente em regiões urbanas, articulada por instituições educacionais e formadora de uma consciência político-identitária. As escolas de surdos estabilizaram e reproduziram sinais, institucionalizando-os. Recentemente, a Libras recebeu uma ampliação de suas bases institucionais e políticas, através de sua oficialização como língua do Estado-Nação. A lei de Libras define apenas esta e não “as línguas de sinais” em geral do Brasil.

No caso ka’apor, a morfogênese e a ecologia da língua de sinais não dependem de uma articulação com instituições educativas e integrativas para os surdos. A LSK origina-se de uma matriz sociocultural alheia ao contexto urbano. A LSK é compartilhada com ouvintes através da contiguidade e vizinhança, por laços de sinalização.

Como apresentarei adiante, apesar de suas diferenças sociológicas, tanto na LSK quanto na Libras, uma parte do sistema de sinais temporais se origina de uma transformação dos gestos que os ouvintes usam enquanto falam. Isto não quer dizer que haja uma identidade pura entre sinais e gestos, que todos os sinais ou todas as características das línguas de sinais sejam determinados pela gestualidade própria e inseparável de determinada língua falada contígua. “Nos dois cenários sociais, a relação entre sinais e gestos é saliente em alguns campos do léxico, seja uma identidade quase completa ou uma descontinuidade formal.”

#### 4. A referência temporal em LSK e na gestualidade

Os adverbiais de tempo da LSK aparecem, em geral, no início da sentença. Neste aspecto, estão em consonância com a fala, em que os sintagmas adverbiais ocorrem na mesma posição. Estes sinais se dividem em três tipos diferentes de enquadramentos temporais, ou subsistemas. Cada subsistema apresenta relações diferentes com seus correlatos na língua falada e nos gestos.

O primeiro subsistema (§ 4.1) marca o tempo por quantidade de dormidas, isto é, o número de noites passadas. Sua estratégia é contar a alternância entre sono e vigília, como padrão de processo regular capaz de criar uma série. O sinal DORMIR e a palavra falada *uk<sup>w</sup>er* para ‘dormidas’ são usados de forma quase idêntica ao “dia” do português e de outras línguas da área linguística europeia. Enquanto o “dia” estabelece uma escala de periodicidade baseada na luminosidade celeste, o uso ka’apor, tanto

sinalizado quanto falado, se refere à periodicidade orgânica do sono.

O segundo subsistema (§ 4.2), apresenta os sinais adverbiais temporais (MANHÃ, NOITE, ANTIGAMENTE). Estes sinais podem ser duplicados para criar sequências, indicando que “veio uma manhã, depois outra”.

Por fim, há o subsistema de apontamentos celestes (§ 4.3) com sinais que indicam seções do céu, funcionando como um relógio natural. É um sistema de referência dêitica da trajetória do sol ou da lua, usado como meio de estabelecer uma referência horária para os eventos descritos. Não é, portanto, metafórico, nem ancorado no corpo, como o sistema da “linha do tempo” da Libras.

#### 4.1. A passagem dos dias, ou a contagem de “dormidas”

Entre os ka’apores, as dormidas são quantificadas por numerais, sendo usadas como uma unidade temporal contável. Este modo de representar a passagem dos dias remete a uma periodicidade regular presente em nosso organismo, a passagem da vigília para o sono, estados que se alternam de forma complementar.

Ferreira (1983, p. 250-251) deduz que o padrão de indicar dormidas se referiria somente ao passado, embora pudesse indicar futuro junto com o sinal que ela glosa como DIA/RAIAR DO SOL. A generalização de Ferreira não corresponde ao uso efetivo destes sinais na LSK ou como gestos da língua falada, pois eles podem se referir tanto ao passado como ao futuro. Isso vale igualmente para o sinal de RAIAR DO SOL (§4.2).

O português e a Libras lexicalizam a passagem dos dias em suas expressões temporais que denotam o dia solar e, portanto, de forma diversa dos ka’apores, que se baseiam no sono. Em Libras, a forma da configuração de mão do sinal DIA é um empréstimo do português, através do alfabeto manual. Assim como o sinal DORMIR do ka’apor apresenta combinação com numerais, o sinal DIA de Libras pode apresentar uma repetição de movimento e incorporação do numeral na configuração de mão.

A referência temporal por contagem de dormidas se dá de forma quase idêntica na língua de sinais (1), que usa o sinal DORMIR (base imagética: deitar a cabeça na mão) e na língua falada (2), com o verbo ‘dormir’ na terceira pessoa (*u-k<sup>w</sup>er*).

(1) Valdemar (ouvinte) sinalizando



TRÊS



DORMIR



X(apontamento)



DORMIR

‘Passaram três dormidas (=dias) ali [cavando] X (se refere ao local do evento sinalizado anteriormente, no caso, o evento de cavar).’

URL: <https://youtu.be/ltuSbKYQBP4?t=148>

(2) Mati gesticulando



gesto A

*pe kɔ-ja*

então proximal-assim

\*\*\*\*\*~\*\*\*\*\*

(gesto A)



gesto B

*u-k<sup>w</sup>er=?ɪ* [...]

3-dormir=perfectivo

(gesto B)

‘Então [gesto A: emula uma ação de tampar], este tanto de dormidas passaram’

URL: <https://youtu.be/Lml4bcAj2U0?t=104>

A sentença da língua oral (2) apresenta uma clara cooperação entre a mão e a fala. O gesto A, remete às sentenças anteriores, que falam sobre um pote, onde são jogados ingredientes. Na sequência, em vez de apresentar um numeral falado, o falante diz *kɔja-kuja* “este tanto”, executando um gesto ostensivo que mostra a quantidade de “dormidas” que quer indicar.

## 4.2. Sinais adverbiais de tempo ou termos de tempo

Quanto ao sinal que Ferreira (1983) chama de DIA/RAIAR DO SOL, eu glosso como MANHÃ. O sinal é realizado através de um movimento de separação entre as duas mãos, no eixo transversal. A abertura emulada pelas mãos é a base imagética para o aumento da luminosidade (3). Também é usado pelos ouvintes como gesto convencional (4).

(3) Valdemar (ouvinte) sinalizando



MANHÃ

PARENTE

FUMAR. iterativo (o que fuma, o pajé)  
(aqui o olhar já adianta o próximo sinal)



VER<sub>3</sub>



IR<sub>3</sub>

‘De manhã, o parente foi ver o pajé/a pajelança.’

(4) Petrônio gesticulando



*wera* <cinco ho>-rahã [...]

manhã cinco.horas-quando

~\*\*\*\*\*

‘de manhã, às 5h [...]’

Ferreira diz que este sinal se referiria apenas ao futuro próximo. Entretanto, ele não tem a ver com a oposição futuro/passado. Nestes dois exemplos, de sinal (3) e de gesto (4), os consultores se referem a tempos imemoriais, portanto o sinal codifica a passagem dos dias independente da distância ou do sentido temporal.

O sinal para noite apresenta o movimento inverso de MANHÃ, pois emula um fechamento (as duas mãos se encontram). O fechamento codifica a redução da luminosidade (5).

(5) Irasui (surdo) sinalizando



AVE

NOITE

BACURAU

(AVE^especificador.forma da boca)

‘A ave, durante a noite, o bacurau.’

O mesmo sinal é usado como gesto convencional durante a fala (6).

(6)



gesto A

*aja pitun=je tĩ pitun ʔi [...]*  
 assim noite=HSY também noite perfectivo

~~~~~\*\*\*\*\*~~~~~\*\*\*\*\* [..]

(gesto A)

gesto B

(gesto B)

‘assim, diz que escureceu de novo, diz que escureceu [...].’

URL: [https://youtu.be/wdROcYJ\\_b8k?t=373](https://youtu.be/wdROcYJ_b8k?t=373)

MANHÃ e NOITE são claramente lexicalizados a partir da referência ao fenômeno da luz, codificado na oposição claro versus escuro. Neste aspecto, encontram paralelo na língua oral, onde

wera ‘brilhante’ e pitun ‘escuro’ denotam, respectivamente, ‘manhã’ e ‘noite’ quando combinados com *-rahã* ‘quando’. A língua ka’apor falada conta com outros elementos lexicais ligados à transição luminosa: pituni-we ‘escuro-mais.ou.menos’, que denota o fim da noite, koʔem ‘amanhecer’ e kaʔaruk ‘entardecer’. Para estes momentos de transição luminosa, a LSK não tem sinais lexicalizados e usa os apontamentos celestes (§ 4.3).

Um outro sinal adverbial de tempo da LSK é o sinal para ANTIGAMENTE, não relatado por Ferreira (1983). É realizado com um movimento tenso – indicado tanto pela mão direcionada para baixo como pela expressão facial de intensificação (7) ou indicado pela repetição do sinal noite, concomitante com a expressão de intensidade (8).

(7) sinal ANTIGAMENTE, por Jarara Pirã (surdo)



URL: [https://youtu.be/\\_7Z9627k5C4?t=12](https://youtu.be/_7Z9627k5C4?t=12)

(8) ANTIGAMENTE, variante com duas mãos, por Filomena (ouvinte)



URL: <https://youtu.be/zydJT9FATJw?t=27>


Além destes, ainda não identifiquei outros sinais que sirvam de advérbios temporais.

### 4.3. Os apontamentos celestiais

O terceiro sistema da LSK se refere a apontamentos para localidades específicas no arco de trajetória dos astros. Trata-se de referência temporal por metonímia de posições celestes em um

espaço absoluto, o eixo leste/oeste. Aponta-se para o céu, indicando as posições relevantes do sol e da lua, codificando um momento do dia, uma *localização* temporal que serve de referência para periodização de um evento. Esta forma de referência temporal é similar à contagem de horas.

O apontamento temporal é convencional em seu significado e sua forma. Tem um significado específico (indexar um momento ou período do dia) e seus pontos de articulação são restritos a indicarem pontos no vetor leste-oeste, podendo a locação variar entre distal e proximal, sem mudanças no sentido. Sua locação mais proximal pode ser realizada na frente dos lábios. Ao contrário de outros apontamentos, seu sentido é independente do contexto (FLOYD, 2016, p. 45) – isto é, não é um apontamento para um local onde se encontra algo, no espaço real ou imaginário, naquela posição.

Quanto ao articulador, o apontamento temporal apresenta uma configuração de mão específica com todos os dedos selecionados e juntos (  ), sendo que outros apontamentos podem apresentar seleção do indicador, do dedo mínimo e dos lábios.

No exemplo (9), vemos primeiro o sinal adverbial NOITE, que deixa explícito que se trata do movimento da lua. Ele é seguido de delineamentos e apontamentos celestes.

(9)



NOITE



LUA.trajetória



APONTAMENTO.CELESTE



LUA.trajetória (leste->zênite)



APONTAMENTO.CELESTE



LOCALIZAÇÃO

‘De noite, lua subindo, indo para o zênite; lua subiu até o zênite. (O homem ka’apor) estava (ali)’

URL: <https://youtu.be/ltuSbKYQBP4?t=86>

Podemos aqui observar dois tipos de dêixis celeste. O primeiro, que glosei como LUA.trajetória, é um movimento que codifica um período. O segundo, o apontamento celeste estático especifica um momento no contínuo movimento de lua.

Rio de Janeiro | Volume 16 | número 3 | p. 60 - 102 | set. - dez. 2020



O sistema de dêixis celeste presente na LSK é idêntico ao utilizado durante a fala. Um episódio da mesma narrativa onde retirei os exemplos (1;3;9) em sinais, contada em ka'apor falado pelo mesmo autor, marca um momento anterior (10), quando lua ainda não está no zênite como em (9).

(10)



(gesto A)  
 “mija-rahã?” “jahı-wera-rahã kī”  
 questão-quando lua-brilho-quando MODALIDADE.DEÔNTICA  
 ~~~\*\*\* (rítmico) ~~~\*\*\*  
 (gesto A)

“Quando?” “Deve ser quando o lua estiver brilhoso [que se pode caçar].”  
 [...]



(gesto B) gesto rítmico      retração  
 maʔe: l      jahı-wera-rahã      pe  
 hesitação      lua-brilho-QUANDO      então

(gesto C) apontamento celestial  
 maʔe-atu      tĩ  
 coisa-bem      também  
 ~\*\*  
 (gesto B)

fɛ      rwa-kuʔa-pe      warahı      tur  
 dei      céu-metade-LOCATIVO      sol      3.chegar  
 ~\*\*\*\*\*  
 (gesto C)

‘Eh... quando o lua está brilhoso, então coisa bem, ali no bojo do céu o sol (>lua) chega.

(Como observado durante a transcrição, trata-se aqui de lua e não de sol, como o narrador fala. O fato de o ‘sol’ ser geralmente associado com ‘horário’ explica a troca.)

URL: <https://youtu.be/GZjI9dRbLoY?t=180>

Na primeira sentença de (10), a temporalização específica aparece no apontamento (gesto A);

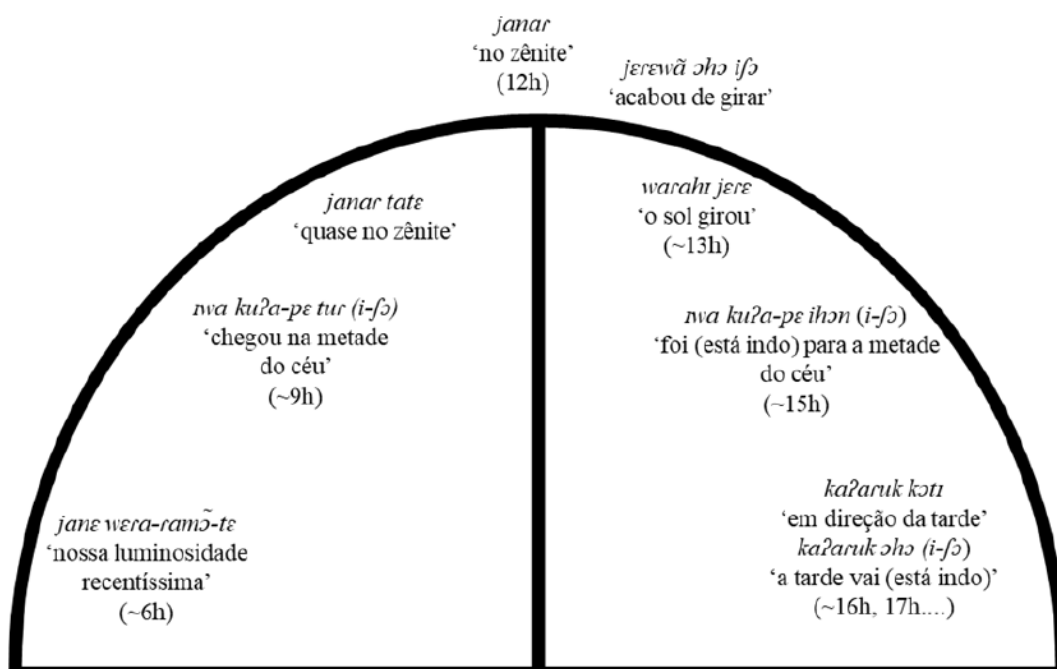
a fala estabelece a fase da lua, pois a caça é “durante a luz da lua”. O narrador aponta para o leste, a mesma localização absoluta do que no exemplo em sinais (9), onde o leste estava mais para a direita de Valdemar, enquanto em (10), estava mais para sua esquerda. O gesto B é um marcador de ênfase combinado com um pico rítmico da fala. É influenciado pela dêixis temporal-celestial, presentes nos gestos A e C, que indica a posição da lua no céu no momento.

No caso da sentença sinalizada (9), o movimento do astro é realizado por um apontamento dinâmico, um movimento de trajetória: LUA.movimento (leste>zênite). Por sua vez, a sentença falada (10) codifica o movimento através do verbo ‘chegar’ (*tur*) e do sintagma posposicional ‘céu-metade-LOCATIVO’ que indica ponto final do período-trajeto.

A expressão *rwa-kuʔa* ‘céu-metade’ é um dos horários convencionais em ka’apor falado. Este horário do ka’apor falado, expresso por *rwa-kuʔa* ‘céu-metade’, é como se fosse “meia-manhã” e contrasta com outros momentos do dia como *janar* ‘no zênite’ (i.e., meio-dia). Vale observar que a metade do céu não é o nosso meio-dia (de 90°), mas uma direção de aproximadamente 45° que indica a metade da trajetória até o astro chegar ao zênite.

As locuções da língua oral correspondentes aos gestos e aos sinais de apontamento são apresentadas na Figura 1 a seguir.

**Figura 1.** As “horas” do dia ka’apor (Fonte: elaboração própria)



Estes momentos solares são horários específicos lexicalizados na fala. Entretanto, o apontamento

celestial pode ser simultâneo a uma expressão puramente dêitica, como  $\int\epsilon$  *warahi* ‘lá sol’ no exemplo (11).

(11) Mati gesticulando



|                |               |                         |
|----------------|---------------|-------------------------|
| $\int\epsilon$ | <i>warahi</i> | <i>upa-ha</i>           |
| lá             | sol           | completar-nominalizador |
| *****          |               |                         |

‘lá o sol, o fim’ (i.e., fim [do evento] é quanto o sol está ali naquela direção)

Como a expressão  $\int\epsilon$  *warahi* ‘lá sol’ não traz informações sobre a localização do sol, é eliciada a atenção do interlocutor para o apontamento, que fica em primeiro plano durante a enunciação.

Em (10), a fala e o apontamento são redundantes em sua referência temporal, e os advérbios temporais falados são simultâneos ao apontamento. Já em (11), uma expressão dêitica da fala dirige a atenção para o gesto que, colocado em primeiro plano, indica o horário.

Na fala em (12), o movimento em arco pode indicar a completude de uma unidade temporal, no caso o mês, e não o deslocamento do astro como em (9) acima.

(12)



gesto A:  
numeral

*metēĩ jahĩ ø-rahõ*  
um lua 3-levar

gesto B:  
trajetória celeste

*metēĩ jahĩ ø-rahõ*  
um lua 3-levar

gesto C:  
apontamento celeste

A1\*\*\*\*\*/A2\*\*\*\*\*

(gesto A)

*jahĩ ø-rahõ*  
lua 3-levar

\*\*\*\*\*

(gesto B)

*pε jahĩ wahu=?ĩ*  
então lua grande=perfectivo

~~~~~\*\*\*\*\*

(gesto C)

‘Levou um mês<sup>[A1]</sup>, levou um mês<sup>[A1]</sup>, levou mês<sup>[B]</sup>; então, a lua ficou cheia<sup>[C]</sup> [...]’

Em (12), há três gestos relacionados com a referência temporal. O gesto A é um gesto numeral, que indica a passagem de um mês. Na fala, o numeral utilizado é *metēĩ* ‘1’, entretanto o gesto concomitante indica o numeral “2”. Os ka’apores costumam contar sequências sempre por adição e neste caso, depois da passagem de um mês, entra-se no segundo mês, o que justifica o uso do gesto que indica “2”. No gesto B, o traçado celestial (leste-oeste) indica que a palavra ‘lua’ não se refere à posição do astro em um dado momento, como em (10), mas a seu movimento regular. Esse movimento serve como uma unidade de referência temporal (isto é, passagem de um mês). Por fim, no gesto C, há um apontamento para o leste, que indica onde a lua cheia, no começo do segundo mês, está se levantando.

Como observei nas seções anteriores, a contagem de dormidas (4.1) apresenta uma contrapartida falada. Os advérbios que se relacionam com a luminosidade (4.2), além das palavras faladas correspondentes, apresentam os gestos convencionais idênticos aos sinais. Por outro lado, alguns momentos de transição da luminosidade só são lexicalizados na fala e não têm correspondentes na

LSK.

Na língua falada ainda existem outros advérbios, para os quais não encontrei correspondentes nos sinais, como *k<sup>w</sup>ehe* ‘ontem’ e *kôĩ* ‘amanhã’, *taramõ* ‘agora, hoje’, *taramõ-te* ‘agorinha, agora mesmo’, *apɔ* ‘agora, hoje’, *apɔ-we* ‘até agora’, *iɔi-atu* ‘depois de pouco tempo’ e *fatu-rahã* ‘mais tarde’, entre outros. Na língua oral, há ainda conectivos que indicam sequências de eventos (Kakumasu 1977), como *pe* ‘então’ e *aja-ẽ=kε* ‘depois disso/que isso aconteceu’. Na LSK, todas estas especificações presentes na língua oral são elucidadas pelo contexto.

Quanto aos apontamentos (§ 4.3), estão presentes na LSK e no gesticuleio dos ouvintes de forma idêntica. A diferença é que a língua falada apresenta locuções adverbiais codificadas para os horários relevantes e expressões dêiticas para enfatizar a direção dos gestos.

## 5. O apontamento celestial em línguas sinalizadas e faladas

Entre os ka’apores, o apontamento temporal-celestial interage com as sentenças faladas, e, na LSK, funciona como sinal adverbial. Esta forma de referência temporal apresenta recorrência em outras línguas faladas (§5.1) e sinalizadas pelo mundo (§5.2).

### 5.1. Nheengatu: apontamento temporal como “microlíngua de sinais”

Em outra região amazônica, ao Oeste, encontra-se a língua *nheengatu*, presente na tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Venezuela. Apesar da distância aparente, o *nheengatu* é uma língua irmã do ka’apor oral. O *nheengatu* é descendente da língua franca da Amazônia colonial, conhecida pelo rótulo de *língua geral*. As línguas gerais derivadas do tupi eram dominantes na ocupação colonial neobrasileira, antes de terem sua vitalidade destituída pela política linguística que impôs o domínio do português. Tendo a ampla difusão das línguas gerais tupis entrado em declínio com a imposição do idioma luso, a língua geral amazônica encontrou um refúgio ecológico o Alto Rio Negro, onde, inclusive, substituiu línguas antigas de alguns povos e hoje é chamado de *nheengatu* (MOORE, 2014).

Além de serem línguas irmãs, os antepassados dos ka’apores tiveram um contato com a língua geral amazônica, quando esta era uma língua franca vital e expansionista, integrada ao comércio colonial (BALÉE 2003; CORRÊA-DA-SILVA, 1997). O ka’apor e o *nheengatu* apresentam uma similaridade estrutural quanto ao sistema de marcação de argumento através de prefixos verbais com alinhamento nominativo-acusativo. Esta característica opõe as duas línguas em relação às outras

línguas do ramo maweti-guarani (da família tupi), que apresentam diferentes implementações de hierarquia de pessoa (GODOY, 2015).

Como o ka'apor, o nheengatu não tem um sistema de marcação obrigatória de tempo gramatical no verbo. Apresenta um marcador de futuro, *kuri*, definido como 'partícula de futuro projetado' por Cruz (2011, p. 339-343). Uma forma de referência temporal é com advérbios. Além disso, o nheengatu, como o ka'apor, utiliza o sistema de apontamentos para a referência aos momentos do dia (FLOYD, 2016).

Em nheengatu, os advérbios *kuemeté* 'manhã', *yandara* 'meio-dia' e *karuka* 'tarde' codificam as seções do dia de modo abrangente – isto é, sem subdivisões (FLOYD, 2016, p.40-41). Se o nheengatu não enfatiza a lexicalização da descontinuidade dos “horários” do dia, os momentos diários são especificados de forma mais fina através dos apontamentos celestiais. Em ka'apor oral, como mostrei, os advérbios de momentos do dia são mais específicos do que os do nheengatu descrito por Floyd (cf. figura 1), o que parece dar um destaque ainda maior aos apontamentos temporais no nheengatu.

Como em ka'apor, o apontamento no nheengatu é executado em conjunto com a fala, por exemplo, com as expressões *iké(ré) kurasí* 'sol aqui [aponta a posição]', *ikéntuté* 'até aqui [mão executa trajetória]' (FLOYD, 2016, p.42) ou mesmo com o empréstimo do português *kwaá hora* 'esta hora' (FLOYD, 2016, p.44). O autor observa que o desenrolar dos eventos, indicado por pontos (momentos) ou por trajetórias (períodos), contribui não só para a referência temporal, mas também para o sentido aspectual das sentenças, enfatizando pontualidade ou duratividade.

Para se distanciar da ideia de “gesto” como algo idiossincrático, um fenômeno “idioletal”, Floyd (2016, p.33) descreveu o uso dos apontamentos celestes como uma espécie de “microlíngua de sinais”, encaixada dentro de uma língua oral. Os apontamentos celestes compõem um campo semântico específico (momentos do dia) e apresentam restrição em seus pontos de articulação (eixo de trajetória leste-oeste) (FLOYD, 2016, p.45). Isto indica seu caráter convencional e sistemático, que permite dizer que eles constituem um subsistema de pareamento forma-sentido na modalidade gesto-visual, similar às observadas nas línguas de sinais (FLOYD, 2016, p.48).

A referência a momentos do dia através de apontamentos encontra-se em outras línguas da região, como no exemplo (14) do wa'ikhana (da família tukanoana) e deve ser recorrente em outros povos.

(14)



|                   |                |              |                 |             |              |            |
|-------------------|----------------|--------------|-----------------|-------------|--------------|------------|
| <i>koe'dipehe</i> | <i>ihigũde</i> | <i>akodo</i> | <i>a'tagũde</i> | <i>waha</i> | <i>me'na</i> | <i>ñuu</i> |
| meio.dia          | quando.for     | chuva        | quando.chegar   | cuia        | com          | aparar     |
| ~~~~ **           |                |              |                 | ~~~~*****   |              |            |
| gesto A           |                |              |                 | gesto B     |              |            |

'Quando for meio-dia, quando chover, apare [a água] com cuia.'

(Dados não publicados da pesquisa de Kristina Balykova)

Ao mesmo tempo em que fala *koe'dipehe* 'meio-dia', o falante de piratapuyo realiza um apontamento para o zênite (gesto A), indicando a posição do sol neste horário. Gesto e fala são, neste caso, redundantes e funcionam como sintagma adverbial da sentença. No gesto B, há uma representação da manipulação da cuia, utilizada para pegar a água da chuva.

## 5.2. A "linha celeste" dos apontamentos temporais em línguas de sinais

O uso metonímico da trajetória leste-oeste para temporalização por apontamentos ("linha do tempo celestial") foi descrita em diversos continentes. Em cada caso, seu uso e sua relação com outras formas de lexicalizar sinais temporais são diversos. Na vila de Bengkala, em Bali, a "linha celeste" foi descrita para a língua de sinais Kata Kolok (DE VOS, 2012, p. 380-391). Os balineses ouvintes igualmente apontam para o céu para marcar os momentos diários. Os sinalizadores de Benkala se utilizam da quantificação das horas do relógio através de numerais cardinais, combinados com os apontamentos celestes. Além disto, há um sinal de TEMPO que é articulado no pulso, indicando por metonímia de local, um relógio.

A quantificação das horas e um sinal baseado no local do relógio estão presentes em Libras. Por outro lado, a Libras não se utiliza do apontamento celeste. Neste sentido, a língua de sinais de Benkala combina tanto formas presentes na LSK como as presentes na Libras. Embora não exista o uso de contagem através de horas numéricas em LSK, no ka'apor falado os horários cardinais de relógio são, por vezes, combinados com os apontamentos, como no nheengatu (FLOYD, 2016, p.45).

A língua de sinais de Miyakubo, povoado no sudoeste do Japão, também apresenta a temporalização celestial. Além disto, para a língua de sinais de Miyakubo, foi descrita uma linha do tempo metafórica que opõe passado e presente no espaço distal (apontamento para a direita) e proximal (perto do tronco) (YANO; MATSUOKA, 2018, p. 657-661).

Ao contrário da LSK (que só utiliza metonímia) e da Libras (que utiliza a metáfora), a língua de sinais de Miyakubo apresenta tanto uma metáfora como uma metonímia para expressar referência temporal. Além de fazer referências a momentos diários, a linha celestial foi descrita como base imagética para lexicalização do sinal DURANTE-TODO-O-DIA. Cabe observar que o gesto B do exemplo (12) de ka'apor falado esboça uma imagem de trajetória completa do astro (no caso, a lua) para indicar um mês, apresentando, portanto, a mesma base imagética que o sinal DURANTE-TODO-O-DIA de Miyakubo.

No leste de Gana, na vila de Adamorobe, local da meta-etnia Akan (de língua oral kwa, da família Niger-Congo), há uma língua de sinais que também utiliza a “linha do tempo celestial” (NYST, 2007, p. 108-115). Argumentou-se que na conceptualização akan, o futuro está atrás e o passado na frente (NYST 2007), como para os aimarás (NÚÑEZ; SWEETSER, 2006). Entretanto, não tive a oportunidade de comparar de forma mais detida estas descrições.

Nos sinais temporais de Adamorobe, foram indicadas a linha celestial e a linha de crescimento, isto é, indicação da passagem da idade pessoal através do tamanho. A “linha de crescimento” é um fenômeno presente em todas as línguas sinalizadas e gestos de língua faladas consultados. Trata-se de um forte candidato a um universal gestual, a ser estudado por uma tipologia gestual ampla.

Em Adamorobe, o movimento dinâmico de traçado celeste pode servir para indicar DIA, MÊS ou ANO (NYST, 2007, p. 111). Portanto, é a mesma base imagética do sinal durante-todo-o-dia em Miyakubo e do gesto B em (12) de ka'apor. As seções do dia também são divididas por apontamentos estacionários. De forma similar a Miyakubo, um apontamento para baixo (perto do tronco) indica o aqui-agora (NYST 2007, p.112), codificação ausente em LSK. Entretanto, não chega a existir uma linha temporal metafórica, como em línguas de sinais da área europeia (e.g. a Libras).

Na América do Norte, usou-se a língua de sinais das Planícies, uma língua franca utilizada por diferentes etnias, com línguas faladas bastante diversas. Nesta língua foi descrita tanto a “linha celestial” (TOMKINS, 1926, p. 8), quanto a linha do tempo metafórica, codificando passado atrás e futuro à frente (TOMKINS, 1926, p. 31, 45). O autor observa que há algumas confusões e diferenças nos sinais temporais de diferentes etnias da região.

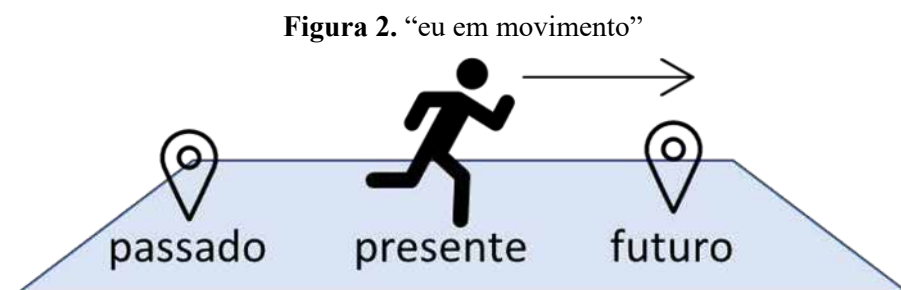


Na península de Iucatã (região do México), para os maias (LE GUEN; POOL BALAM, 2012) foi indicada a “linha celestial” como mais frequente nos gestos e expressões do maia falado do que no uso da língua de sinais iucateque. Portanto, embora presente na fala dos ouvintes contíguos, o apontamento celestial parece não apresentar mesmo destaque que na LSK. Entre os maias iucateques, o tempo é dividido entre o aqui-agora e um tempo num espaço remoto (seja passado ou futuro), de modo similar ao da língua de sinais de Miyakubo. Entretanto, os autores não consideram que este mapeamento seja metafórico, apenas porque este modo de conceptualizar não apresenta oposição entre passado e futuro de forma sequencial.

Logo, diferentes línguas faladas e sinalizadas apresentam a possibilidade da referência temporal através da indicação por apontamentos da trajetória dos astros. Este tipo de apontamento celestial como referência temporal foi descrito por Ferreira (1983) como “sinais para cima” na LSK. Com efeito, os apontamentos indicam localizações que tendem ao céu e, portanto, são “para cima”. Entretanto, não há uma natureza metafórica na locação do apontamento, tal como há em sinalizar o futuro e o passado em Libras ou gesticular em português. A Libras e o português, bem como outras línguas da área europeia padrão, apresentam uma metáfora orientacional do tempo, que não é diretamente comparável, pelo parâmetro de ponto de articulação, com o fenômeno da “linha de apontamentos celestiais”.

## 6. Libras e gestos: a linha do fluxo temporal ancorada no corpo

Em vez de falar em uma “linha do tempo” para a Libras, é mais exato defini-la como “linha do tempo ancorada no corpo” (DE VOS, 2012, p. 15-16), que se realiza no eixo anatômico sagital (linha imaginária da parte posterior do corpo para a anterior). A linha do tempo ancorada no corpo baseia-se na metáfora do “eu em movimento” (*moving ego*) através do tempo, representado como uma trajetória (veja a Figura 2 a seguir).



Fonte: elaboração própria

Neste movimento metafórico, o “aqui” determina o presente assim como o ponto de vista que

localiza o futuro “à frente” (local de destino) e “deixa para trás” de si o passado (trajeto já percorrido). Esta linha imaginária materializa o fluxo temporal tripartido em passado-presente-futuro mapeado no espaço de sinalização através do eixo corporal que opõe a parte anterior (correspondendo ao futuro à frente) a posterior (o passado para trás).

O mapeamento do tempo em uma linha que atravessa o corpo é comum em línguas da área europeia, como a Libras e o português. São uma objetificação metafórica de unidades temporais que formam uma sequência em um espaço imaginário (WHORF, 1949, p.143-144). É uma metáfora espacial e direcional (CASASANTO; JASMIN, 2012, p. 645), pois assenta-se em um eixo definido do corpo: o anteroposterior serve como ponto de localização para seções do fluxo temporal.

Esta metáfora é diferente de outras metáforas de distância espacial, que se baseiam apenas na dêixis (oposição entre próximo e distante) e não codificam uma orientação (frente/trás). As metáforas espaciais não-direcionais estão presente no português em expressões como “passado/futuro *distante*” ou “passado/futuro *próximo*”. Em kuikuro, língua caribe do Alto Xingu, aparece nos dêiticos *ege* ‘distante’ e *ige* ‘próximo’, que podem codificar, respectivamente, ‘passado’ e ‘presente’ (FRANCHETTO, 2017, p. 277). Na modalidade gesto-visual, esta metáfora dêitica não-orientacional aparece nos gestos maias iucateques e em línguas de sinais como as de Adamorobe e de Miyakubo.

“Perto” e “distante” especificam eventos por distâncias-temporais dêiticas. Entretanto, esta oposição não determina uma orientação como “linha do tempo ancorada no corpo”, em que “eu em movimento” estrutura a oposição “antes” e “depois”. A representação ego-linear do devir temporal é expressa pelo ponto de articulação mais à frente ou atrás (ou extensão-flexão das articulações do articulador, segundo JACOBOWITZ; STOKOE, 1988). Por sua vez, a distância temporal é codificada pelo parâmetro movimento da mão. Estas duas metáforas são realizadas da mesma forma em Libras (15) e em português (16).

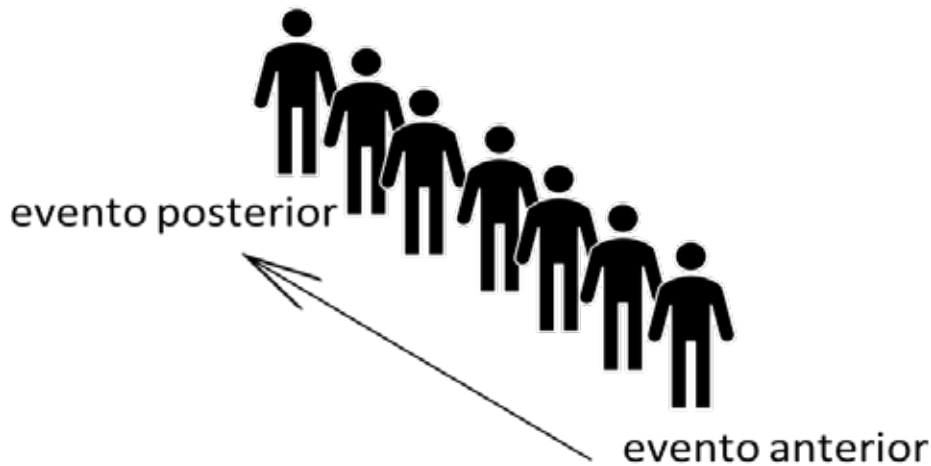
(15) ANTES OU ANTERIOR.



URL: [http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras\\_3/public/media/palavras/videos/anterior2Sm\\_Prog001.mp4](http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/public/media/palavras/videos/anterior2Sm_Prog001.mp4)



**Esquema 1 da fila de eventos e Tabela 1 das representações espaço-temporais em (16)**



|                                                                                                               |                                         |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------|
| conceito "temporal"                                                                                           | (passado : futuro)                      |
| linha do tempo corporificada em um ponto de articulação (onde a mão se posiciona no espaço em torno do corpo) | (posterior [atrás] : anterior [frente]) |
| acontecimentos "em fila"                                                                                      | (antes [anterior] : depois [posterior]) |

Fonte: elaboração própria

O enfileiramento de eventos não deve ser confundido com “tempo em movimento”, quando se diz que “*chegue logo sexta-feira*” ou que “os dias *passam rápido*”, quando as próprias unidades de medida são codificadas como entidades em deslocamento orientado.

“McNeill (2005) nota a recorrência do uso de duas formas conceituais aparentemente contraditórias, uma falada e outra gesticulada, usadas simultaneamente para codificar o mesmo evento. Com efeito, existem diferentes espaços conceituais, que podem ser utilizados simultaneamente para codificar um mesmo evento. Há um fenômeno similar no inglês (CASASANTO; JASMIN, 2012). Quando falantes do inglês são solicitados a representarem o tempo apenas em gestos sem fala, utilizam a oposição atrás/frente, como no exemplo (16) do português. Entretanto, enquanto estão falando, os usuários de inglês tendem a representar o desenrolar temporal como uma linha que caminha da esquerda para a direita no espaço à frente do torso.”

Outro gesto do português indica a passagem do tempo com estalos na mão. O movimento interno às mãos (estalos de dedo) serve de medida temporal:

(17)



you know, I received a friend of mine from many years ago, he used to come here in Corumbá?

~\*\*\*

URL: <https://youtu.be/ZuYVkf-pz0c?t=282>

Este gesto materializa a ideia de “passado *distante*”, segundo o mapeamento do tempo como distância. O movimento da mão como um todo para um ponto de articulação que tende para trás codifica o “passado”. O movimento interno à mão (repetição de estalos) indexa a ideia de “distante”. O gesto realiza concomitantemente duas metáforas espaciais: (i) na locação (o passado para trás) e (ii) na dêixis, os estalos indicam distância temporal.

O gesto (17) encontra contrapartida na Libras, no sinal ANTIGO, um “passado distante” (18), que codifica duas dimensões: o tempo como extensão (cada estalo adiciona uma unidade de duração) e como fluxo orientado (passado atrás).

---

2 Neste exemplo, vemos que o gesto corresponde ao pico de saliência sonora da sentença, uma característica quase fundamental da gesticulação. É o mesmo momento em que a falante impõe um tom alto como recurso de intensificação do tempo que se passou em “*ááanos*”.

(18) Sinal de Libras ANTIGO



URL: [http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras\\_3/public/media/palavras/videos/antigo2Sm\\_Prog001.mp4](http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/public/media/palavras/videos/antigo2Sm_Prog001.mp4)

Em Libras, há outro movimento realizado com duas mãos que é uma variante combinatória dos estalos, movimentos circulares para indicar o dever temporal como fluxo de movimento (19).

(19)



**ANTIGAMENTE**  
*linha do tempo em primeira pessoa*  
*(depende do corpo como referência para o presente)*  
*atrás = passado*

**PERÍODO**  
*linha do tempo em terceira pessoa*  
*(especializa à frente do sinalizador o fluxo temporal)*  
*intervalo de tempo como espaço entre as mãos*

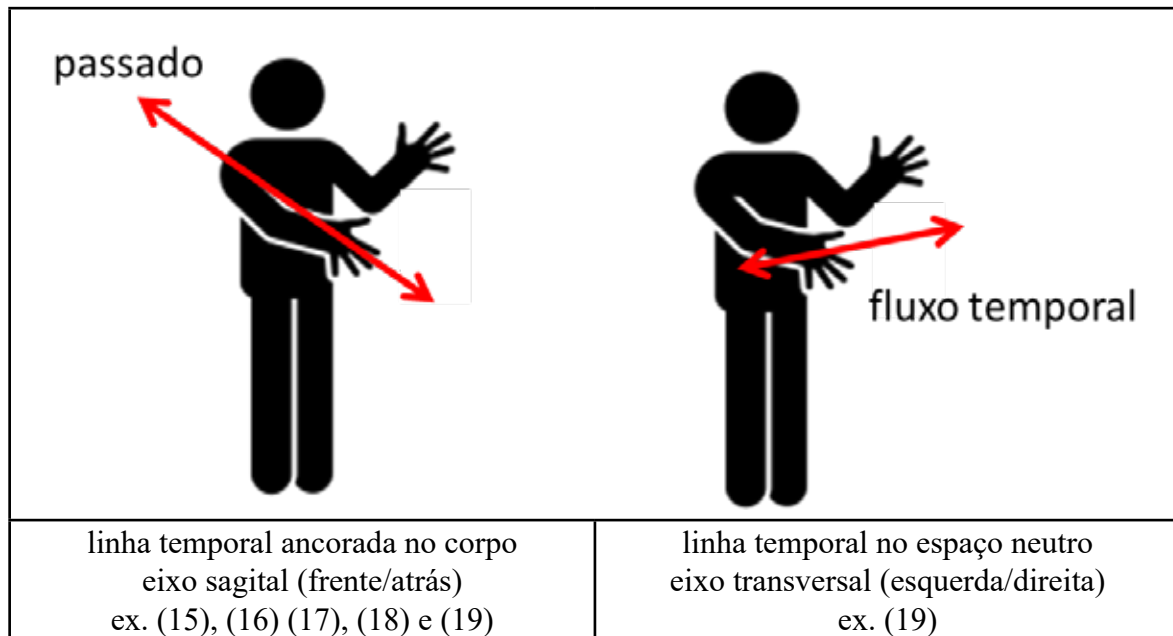
‘Naquela época, [...]’

URL: <https://youtu.be/ruIPoY8zUzc?t=216>

Em (19), o sinal de período (ou INTERVALO.DE.TEMPO) é apresentado como uma distância espacial entre as mãos, apoiada sobre uma linha que materializa o fluxo temporal no eixo transversal, à frente

do tronco. Esta seria uma linha do tempo “do ponto de vista do observador” ou de “terceira pessoa”, que estabelece a linha posicionada na frente do falante, diferente da “linha temporal em primeira pessoa”, que determina os pontos de articulação (Figura 3). É o mesmo esquema conceitual descrito nos gestos de falantes de inglês (CASASANTO; JASMIN, 2012).

**Esquema 2.** Contrastes entre linhas de temporalização



Fonte: elaboração própria

Portanto, movimentos repetitivos (círculos, trajetórias e estalos) são elementos de uma fonologia semântica, onde forma e sentido se imbricam no espaço gestual, dos sinais da Libras e dos gestos do português. Esses movimentos materializam o tempo como uma locação distante, corporificada pela iteração e *ciclicidade* (reduplicação cíclica, através de estalos, círculos, pequenos movimentos repetidos) no movimento das mãos. A ciclicidade foi descrita no sistema que modula o aspecto nas línguas de sinais (KLIMA; BELLUGI, 1979, p. 300-301). Ela igualmente está presente nos gestos dos ouvintes, contribuindo para a imagem conceitual dos eventos (GODOY, 2020).

Em Libras, os sinais DEPOIS.DE (sequência temporal imediata) e ANO (quando modulado para designar “ano passado” ou “ano que vem”) apresentam um movimento circular para indicar o desenrolar temporal como uma sequência através de movimentos. Ferreira (1983, p.248) chamou estes sinais de “tempo não dêitico ou neutro”. Entretanto, ela mesma afirma que a sequência se confunde com a linha do tempo, visto que depois se realiza para frente, e ano pode ter sua direcionalidade modulado se for ANO.PASSADO OU ANO.FUTURO.

No exemplo do português com gesto (16), havia *simultaneamente* duas metáforas espaciais

do tempo. Os movimentos de ciclicidade adicionam a ideia de distância temporal, aumentando a complexidade do tempo. No exemplo de Libras (19), as duas linhas do tempo diferentes são utilizadas *sequencialmente* em uma locução temporal. Portanto, o tempo pode ser conceitualizado de diferentes perspectivas espaço-conceituais em uma mesma sentença, criando uma superposição de geometrias, por vezes, discrepantes entre si.

A Libras e os gestos neobrasileiros compartilham um mapeamento conceitual do “tempo” nas imagens articuladas pelo corpo. Da mesma forma, para entender a referência temporal na língua de sinais ka’apor, coube comparar os sinais com os gestos dos ouvintes. A análise da gestualidade das línguas faladas contíguas às línguas de sinais mostra que sinais e gestos compartilham esquematismos espaço-visuais subjacentes.

## 7. Recensão de Ferreira (1983)

De acordo com a síntese tipológica de Velupillai (2012, p. 223-226), as línguas de sinais tipicamente não apresentam categoria de tempo gramatical [*tense*]. As conclusões de Velupillai se baseiam em levantamentos das seguintes línguas:

- a estadunidense (ASL) e a mexicana (LSM), formadas a partir da célebre matriz educacional difundida a partir da antiga língua de sinais francesa, articulada pelo sistema público de ensino pós-Revolução e globalizadas com a importação do modelo educacional francês, como a Libras;
- a língua de sinais alemã (DGS) e a israelense (ISL) de matriz de sinalização germânica;
- a britânica (BSL) e a língua de sinais da Austrália europeizada (Auslan), surgidas da matriz imperialista britânica, que que formariam uma única entidade linguística, com o acrônimo BANZSL (British, Australian and New Zealand Sign Language); Outra língua de sinais provavelmente oriunda da tradição britânica seria a sueca (SSL);
- a língua de sinais indo-paquistanesa (IPSL).

Alheias ao sistema de tempo gramatical [*tense*], as línguas sinalizadas temporalizam os eventos através de sinais adverbiais. Algumas apresentam marcador lexical de aspecto perfectivo. O aspecto é comumente achado nas línguas sinalizadas através de processos impostos ao sinal de base, através do parâmetro movimento. Em particular, os aspectos habitual e progressivo são marcados através de reduplicações estruturadas no espaço de sinalização (Klima & Bellugi 1979). São processos similares aos processos suprasegmentais das línguas faladas.



Igualmente, a LSK não apresenta tempo gramatical em seus sinais verbais. Em contrapartida, na língua falada ka'apor, há marcação de futuro, conjugada com a marcação aspectual nos verbos. Não tratarei extensamente do verbo em ka'apor falado. Cabe apenas observar um morfema específico o marcador de futuro *-ta*, citado na análise de Ferreira (1983) que pressupõe que a LSK igualmente marcaria o futuro.

O sistema de tempo gramatical na língua falada ka'apor se baseia na oposição futuro/não-futuro, bem difundida em regiões fora da Europa e dos Orientes ditos “Próximo e Médio” (VELUPILLAI, 2012). Citando o linguista Kakumasu, Ferreira (1983, p. 258, n.4) observa que na língua falada ka'apor o sufixo verbal *-ta* ‘futuro’ está em oposição com sua ausência, pois não há morfemas verbais para ‘presente’ nem ‘passado’. Na língua falada, só a marca de futuro seria um fenômeno comparável a uma flexão de tempo gramatical [tense].”

Ferreira (1983, p.251) cita de forma generalizante os “índios norte-americanos”, sem descrever línguas e construções específicas: “Como os índios norte-americanos, os Urubus-Kaapor não marcam o passado, apenas o futuro. Este fato parece se aplicar tanto à língua oral como à língua de sinais”. A autora cita como fonte uma comunicação pessoal de Wallace Chafe, estudioso de línguas caddoanas, siouanas e iroquesas. Ferreira não defende esta afirmação de maneira categórica, visto que utiliza o modalizador “parece”. Entretanto, esta ideia estrutura e define a comparação que empreende no capítulo.

Ferreira supõe que o sufixo verbal *-ta* da língua oral refletiria alguma concepção cultural sobre o tempo do povo ka'apor. Esta concepção igualmente condicionaria os pontos de articulação dos sinais temporais da LSK, sendo o equivalente ao futuro os sinais direcionados para cima, tal como ela propõe (FERREIRA, 1983, p. 252). Porém, conforme argumentei em (§4.3), o sistema de apontamentos celestiais que a autora denomina sinais temporais voltados para cima, não carregam em si a noção de “futuro” e codificam apenas um “horário” convencional no decorrer de um “dia”. Não há na LSK uma codificação de futuro como tempo gramatical como existe na língua falada ka'apor.

Em contradição com sua afirmação de que só o futuro seria marcado, Ferreira (1983, p.250) diz: “A LSKB distingue o presente, o passado, o passado próximo, o futuro, o futuro próximo”. Não dá para ter certeza da relação entre as duas afirmações da autora, que postula algo que existe e não existe, ao mesmo tempo. A interpretação do sufixo verbal *-ta* por Ferreira é importada da língua falada para a sinalizada. Entretanto, nem a ênfase neste sufixo no sistema verbal, nem a ideia de que haveria marcação de futuro em LSK, tal como existe na língua falada ka'apor, se sustentam. O sufixo verbal

*-ta*, indica o tempo futuro (KAKUMASU, 1986, p. 385-386). O tempo passado e presente seriam depreendidos do contexto ou de palavras temporais na sentença.

Cabe notar que a determinação de referência temporal do ka'apor falado não depende exclusivamente da presença ou não do sufixo *-ta* no verbo:

(20)

a. *pe sɔʔɔ u-ʔu-ta=ʔɪ*

então caça 3-ingerir-futuro=perfectivo

‘Então, [a menina] vai ter comido caça (evento não realizado)’

b. *pe upa mu-pinim pe sɔʔɔ u-ʔu*

então tudo causativo-pintar então caça 3-ingerir

‘Então, terminado de pintarem [a menina], então come caça.’

c. *katu uʔu-ha*

bom 3-comer

‘(está) bom a ingestão (de caça)’ (i.e., já pode comer caça)

d. *u-ʔu-ʔim sɔʔɔ i-fo=rĩ*

3-comer-negação /sɔʔɔ/ 3-auxiliar=imperfectivo

‘[a menina] não estava comendo carne’

Na linha (20.a), o verbo *ʔu* ‘ingerir’ recebe o sufixo de futuro. Em (b), a sequencialidade entre *pinim* ‘pintar’ (o que vem antes) e *ʔu* ‘ingerir’ (o que acontece depois) é expressa pelo conectivo *pe* ‘então’. A ação de pintar, que vem antes da ação de ingerir, é marcada por *upa* ‘tudo’, que indica aspecto completivo. Assim, em (b), se deduz que a ação de ingerir se dará em um momento futuro, posterior ao pintar, mesmo que não esteja marcado pelo sufixo do futuro. A sequência (d) se refere ao tempo passado, antes de a menina ser pintada, o que é deduzido por contraste às sentenças anteriores e pela situação do discurso, pois o consultor está explicando sobre a festa que marca o momento em que a menina poderá voltar a comer carne.

Desta maneira, a sequência temporal entre eventos não se expressa apenas pela marcação do tempo no verbo, mas também por diferentes morfemas de aspecto e por conectores entre as sentenças. Mesmo o sufixo do futuro *-ta*, não indica um acontecimento que se passará num futuro absoluto, mas uma ação que é realizada na sequência de eventos.

Ferreira propõe uma comparação dos sinais que denominou “locativos espaciais” e “locativos

temporais” na LSK e na Libras. Os espaciais são glosados como AQUI, ATRÁS, ALI, ADIANTE, ABAIXO ACIMA, AO LADO e se realizariam como apontamentos. Os sinais temporais seriam os que indicam passado, presente e futuro, como AGORA, ONTEM, AMANHÃ, HÁ.MUITO.TEMPO. Seriam “locativos” os sinais de orientação espaço-temporal dependentes de pontos de articulação para criar significados.

A seção sobre os locativos espaciais é muito breve e descreve vagamente sua forma. Ferreira (1983: 246) observa que, nas duas línguas de sinais, os locativos espaciais teriam formas muito parecidas:

O ponto de articulação do movimento é quase o mesmo para as duas línguas. Algumas diferenças pequenas podem ser encontradas na configuração de mão e no movimento. [...] A semelhança entre os sistemas espaciais deve-se provavelmente ao fato de que o espaço é mais concreto, mais claramente entendido e, conseqüentemente, menos metaforicamente expresso. (FERREIRA, 1983, p. 246, 255)

Ferreira (1983, p. 246) propõe que o “espaço por si só restringe as opções de variação da forma nos sinais espaciais das línguas de sinais em geral”. Concluindo que “os sinais espaciais são muito mais restringidos pela modalidade da linguagem do que os sinais temporais, que são bem mais inerentes à cultura”. Não tratarei dos “locativos espaciais”, pois tratar do tempo já será extenso o suficiente para um artigo. Cabe apenas observar que há discrepâncias nos sinais e gestos que indicam localização espacial na LSK em relação à Libras.

Ferreira considera que os sinais de apontamento celestial, que mistura com outros sinais temporais, seriam uma metáfora orientacional, do mesmo modo que a “linha do tempo” da Libras. Entretanto, são fenômenos diversos. Os apontamentos celestiais da LSK tratam de horas dentro de um dia. A linha temporal da Libras codifica metaforicamente a tripartição passado-presente-futuro, como tratei acima (§6). A autora propõe então uma comparação imprópria entre a LSK e a Libras:

Apesar de a coleta de dados não ter sido feita com o conceito de metáfora em mente, parece claro, após a descrição dos dados, que o sistema de sinais temporais em cada língua [Libras e LSK] é organizado como um sistema inteiro de conceitos [temporais] baseado em outro conceito [orientação espacial]. Os dos sistemas de sinais temporais são metáforas [conceituais] orientacionais, que dão ao conceito temporal uma orientação espacial: ‘para cima’, para o conceito de tempo da LSKB, e ‘orientação horizontal que se desloca da frente para trás’, para o conceito de tempo da LIBRAS. (FERREIRA, 1983: 253)

Ferreira (1983, p. 253) observa que em Libras e ASL, como em português e inglês, a referência temporal se dá em uma “linha do tempo horizontal”. Nestas duas línguas de sinais de origem euro-americana, a “linha do tempo” se materializaria opondo frente/atrás. Ferreira afirma que a LSK

apresentaria igualmente uma espacialização linear do tempo, mas que se trataria de uma “linha do tempo voltada para cima”. Ferreira afirma:

Na LIBRAS, o futuro está em frente a nós e o passado atrás. Assim, temos um sistema de sinais temporais baseado numa oposição polar frente/atrás. Esta oposição também se verifica em português e em inglês (uma semana *atrás* – passado, week *ahead* – futuro). O sistema temporal da LSKB apresenta uma oposição não-polar. Nesta língua, o futuro é direcionado para cima e o passado é não-marcado. Apenas o futuro ou os eventos desconhecidos são marcados. (FERREIRA, 1983, P. 253-254)

Como mostrei em §4, em LSK, não se trata de uma linha vertical ‘para cima’, mas de um apontamento tendo como alvo a trajetória dos astros. Visto que o apontamento é uma forma de seccionar momentos e durações do devir diário, sua natureza é dêitica, como os ponteiros de um relógio solar, mais próxima de uma metonímia indicial do que de reflexo de um espaço estrutura de maneira metafórica.

Deste modo, Ferreira compara a marcação dêitica de momentos do dia da LSK (o apontamento celestial) como uma transformação simples do estabelecimento metafórico de seções do devir temporal (a linha temporal passado-presente-futuro) da Libras.

## 8. Um aniversário de 25 anos e a importância comparatista da diversidade.

Em seu espírito e objetivos, o presente artigo é uma revisão, atualização e ampliação da análise de Lucinda Ferreira (ex-Brito) sobre a comparação da referência temporal em LSK, em Libras e as tradições conceituais que compartilham com os ouvintes contíguos. O trabalho “Sinais para Tempo e Espaço em LIBRAS e LSKB foi originalmente apresentado em Roma, no *Terceiro Simpósio Internacional de Língua de Sinais* (22-26/06/1983), pouco tempo depois de seu campo com o povo ka’apor, realizado entre janeiro e fevereiro de 1982.

A apresentação de 1983 foi publicada por Stokoe & Volterra (1985), como Ferreira (1983 [1985]). O trabalho foi republicado em *Por uma gramática de línguas de sinais* (1995) como o capítulo 13: “Sinais para tempo e espaço em LIBRAS e em LSKB”. Por apego ao tempo, o vício das datas, citei-o como “Ferreira (1983)”.

Neste trabalho, Lucinda Ferreira Brito apresentou os sinais temporais e espaciais de LSK e os da Libras, ou das duas línguas de sinais brasileiras, como gostava de falar. Observou a profunda similaridade dos sinais espaciais e a marcante diferença entre os sinais temporais. Através da teoria da

metáfora conceitual, então recém-lançada, comparou-os. Concluiu que o esquema temporal presente na Libras, baseado através de uma linha do tempo (metáfora de uma trajetória) estava ausente em LSK. Observa com cautela:

Embora não possamos explicar estes fatos agora, o reconhecimento destas diferenças entre a LSKB e a LIBRAS, e o estabelecimento da relação entre esta diferença e outros fatores podem contribuir para uma melhor compreensão das metáforas a partir das quais os dois sistemas temporais evoluíram (FERREIRA, 1983, p. 256)

Tal como sintetizado no parágrafo anterior e nesta citação, em seus contornos gerais, as ideias de Ferreira continuam plenamente válidas. Entretanto, desde o trabalho de campo de Lucinda Ferreira com a LSK, a língua passou décadas sem ser estudada.<sup>3</sup> Cabe, portanto, avaliar suas propostas, bem como ampliar e homenagear seus objetivos. Ofereço algumas contribuições. Primeiro, polir o conhecimento factual, oferecendo novos dados da LSK. Segundo, trazer a ideia mais recente de mapeamento do tempo por metonímia conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980 [2003], p. 265-267). Terceiro, ampliar a comparação para outras línguas indígenas – faladas ou sinalizadas. Quarto, enfatizar a importância do estudos linguístico dos gestos, que integram, do forma orgânica, as línguas faladas. Tendo em vista estas quatro contribuições ao espírito do livro de Ferreira (1995) é que busquei apontar as correções necessárias.

À época, a Libras e a LSK eram igualmente desconhecidas, visto que as línguas de sinais estavam marginalizadas na linguística. Felizmente, hoje os estudos sobre língua de sinais exibem uma massa crítica potente. Infelizmente a pesquisa com a LSK e com outras línguas de sinais alheias à Libras ainda não se desenvolveu do mesmo modo no território brasileiro. Entretanto já pode (e deve) se tornar uma questões principais do campo, como indicado por uma coletânea já não tão recente (ZESHAN; DE VOS [eds.], 2012).

No Brasil, há alguns casos de línguas de sinais não institucionais que começam a ser descritos e muitos outros que começam a chamar a atenção. Entre estes, a pesquisa de Vilhalva (2012) com indígenas surdos do Mato Grosso do Sul; a língua de sinais de uma aldeia kaingang em Santa Catarina (GIROLETTI, 2008), a do povo terena no Mato Grosso do Sul (SUMAIO, 2014) e a povo suruí/*paterey* em Rondônia (GREGIANINI, 2017). No povo maxakali, há três surdos de duas aldeias diferentes, e conta com um trabalho sobre a fonologia destes sinais (STOIANOV, 2016). No Pará, há notícias de sinais em Soure, na ilha Marajó (CARLIEZ; FUSELLIER, 2016) e na praia de Fortalezinha. Há a

---

3 Um estudo sobre a LSK é apresentado em Godoy (2020)

cena, no Piauí, que já teve uma descrição etnográfica (PEREIRA, 2013) e começa a ser estudada por linguistas (ALMEIDA-SILVA; NEVINS, 2020). Com nome parecido são os “acenos” ou o “falar por aceno” dos surdos de Cruzeiro do Sul, no Acre (CERQUEIRA; TEIXEIRA, 2016). No povo xerente, no Tocantins, há uma quantidade considerável de surdos (BARRETOS, 2016). No Amazonas, há um trabalho sobre os surdos do povo sateré-mawé, focada na relação (ou na falta desta) dos surdos com a educação (AZEVEDO, 2015). Outros sistemas de sinais existem ou já existiram em contextos de “aldeias”: yanomami, sanumá, ye’kwana, makuxi e marubo.

Espero ter retomado e refinado o espírito das questões de *Por uma gramática de língua de sinais*. Ferreira (1995, p. 29) observava a necessidade de comparação entre modalidades semióticas. Enfatizou a importância de analisar línguas de matrizes culturais diferentes da “cultura ocidental”, para entendermos melhor algumas estruturas elementares do pensamento e da linguagem, que a pesquisa com línguas de sinais e com línguas indígenas ajudam a desvelar.

Saliento a importância do conhecimento das línguas nativas e de sistemas de sinais diversos para um entendimento mais profundo sobre a natureza da modalidade semiótica gesto-visual no fenômeno da linguagem. Este entendimento só é possível com comparações de línguas de origens diversas, sinalizadas e faladas, sendo a relação triangulada pelo estudo da forma e da função dos gestos. Que nos próximos 25 anos nosso campo possa ter um entendimento menos carregado de pressupostos de ideologias linguísticas do passado.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA-SILVA, Anderson; NEVINS, Andrew. Observações sobre a estrutura linguística da Cena: a língua de sinais emergente da Várzea Queimada (Piauí – Brasil). *Linguagem & Ensino*, v.23, n. 4, 2020.

AZEVEDO, Marlon. Mapeamento e contribuições linguísticas do professor surdo aos índios surdos da etnia Sateré-Mawé na microrregião de Parintis. Dissertação (Mestrado em Letras Artes) – UEA, 2015.

BALÉE, William. Historical-ecological influences on the word for cacao in Ka’apor. *Anthropological Linguistics*, v. 45, n. 3, p. 259–280. 2003.

GERTZ, Genie; BAUMAN, H-Dirksen. Audism. In: GERTZ, Genie; BOUDREAULT, Patrick (orgs.). *The SAGE Deaf studies encyclopedia*, Volume 1. Sage Publications Inc., 2016. p. 63–65.

BARRETOS, Euder. *A situação de comunicação dos Akwẽ-Xerente surdos*. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – UFG, 2016.

BURKE, Peter. *Languages and communities in Early Modern Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CARLIEZ, Maria; FUSELLIER, Ivani. *Collecte des langues des signes des sourds de Soure (Île de Marajó)*. MOARA, v. 1, n. 45, 129. 2016.

CASASANTO, Daniel; JASMIN, Kyle. *The hands of time: Temporal gestures in English speakers*. *Cognitive Linguistics*, v. 23, n. 4, p. 643–674. 2012.

CERQUEIRA, Ivanete; TEIXEIRA, Elizabeth. *Iconicidade e realidade: um olhar sobre a produção de sinais dos surdos do município de Cruzeiro do Sul/AC*. ANTHESIS, v. 05, n. 8. 2016.

CORRÊA-DA-SILVA, Beatriz. *Urubú-Ka'apor - Da gramática à história: a trajetória de um povo*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 1997.

CRUZ, Aline da. *Fonologia e gramática do nheengatu: A língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa*. Tese (Doutorado em Linguística) – Amsterdam, Vrije Universiteit Amsterdam, 2011.

DE VOS, Connie. *Sign-spatiality in Kata Kolok: How a village sign language of Bali inscribes its signing space*. Tese (Doutorado em Linguística). Radboud Universiteit Nijmegen. 2012.

EVANS, Vyvyan. *The structure of time: Language, meaning and temporal cognition*. Human cognitive processing. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. 2005.

FERREIRA, Lucinda. *A comparative study of signs for Time and Space in Sao Paolo and Urubu-Kaapor sign language*. In *SLR 83: Proceedings of the 3rd International Symposium on Sign Language Research*. Silver Spring, MD; Roma: Linstok Press; Istituto di psicologia, CNR. 1983 [1985]. p. 22–26.

- FERREIRA, Lucinda. Por uma gramática de língua de sinais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1995.
- FLOYD, Simeon. Modally hybrid grammar? Celestial pointing for time-of-day reference in Nheengatú. *Language*, v., 92, n.1, p. 31–64. 2016.
- FRANCHETTO, Bruna. Beleza desta língua: tempo no nome. *Mana*, v. 23, n. 1, p. 269–291. 2017.
- GIROLETTI, Marisa. Cultura surda e educação escolar kaingang. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Ufsc, Floripa. 2008.
- GODOY, Gustavo. Morfossintaxe maweti-guarani: Diversidade na implementação da hierarquia de pessoa. In *Putting Fieldwork on Indigenous Languages to New Uses*. Campinas: Unicamp. 2015.
- GODOY, Gustavo. Os Ka’apor, os gestos e os sinais. Tese (doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, UFRJ, Rio de Janeiro, 2020.
- GOLDIN-MEADOW, Susan. Homesign: gesture to language. In *Sign Language: An international handbook*. Berlin: Walter de Gruyter, 2012. p. 601–625
- GREGIANINI, Luciana. Mapeando os sinais Paiter no contexto da comunidade. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Rondônia. 2017.
- HUMPHRIES, Tom. The making of a word: Audism. (Ensaio Não Publicado). 1975
- JACOBOWITZ, E. Lynn; STOKOE, William. C. Signs of tense in ASL Verbs. *Sign Language Studies*, v. 1060, n. 1, p. 331–340. 1988.
- KAKUMASU, James. Urubu-Kaapor Sign Language. *International Journal of American Linguistics*, v. 34, n. 4, p. 275–281. 1968
- KAKUMASU, James. Conectivos nas narrativas em kaapor. *Arquivo Lingüístico* (Summer Institute of Linguistics), 122. 1977.
- KENDON, Adam. A description of a deaf-mute sign language from the Enga Province of Papua New Guinea with some comparative discussion. Part II: The semiotic functioning of Enga signs.



Semiotica, v. 31, n.1–2, p. 81-117. 1980.

KENDON, Adam. *Gesture: Visible action as utterance*. Cambridge: Cambridge University Press. 2004

KLIMA, Edward; Bellugi, Ursula. *The signs of language*. Cambridge, London: Havard University Press. 1979

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. London: The University of Chicago Press. 1980

LE GUEN, Olivier; POOL BALAM, Lorena. No metaphorical timeline in gesture and cognition among Yucatec Mayas. *Frontiers in Psychology*, 3(AUG), 1–15. 2012

MANDEL, Mark. Dimensions of iconicity in American Sign Language. *Proceedings of the 2nd Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, p. 286–297. 1976.

MANDEL, Mark. Iconic devices in American Sign Language. In: FRIEDMAN, Lynn (org.). *On the other hand: New perspectives on American Sign Language*. New York: Academic Press. 1977. pp. 57–107

MCNEILL, David. *Gesture and Thought*. Chicago and London: University of Chicago Press, 2005.

MOORE, Denny. Historical development of Nheengatu (Língua Geral Amazônica). In: SALIKOKO, Mufwene (org.). *Iberian imperialism and language evolution in Latin America*. Chicago: University of Chicago Press, 2014. p. 108-142.

MÜLLER, Cornelia. Gestural modes of representation as techniques of depiction. In: *VvAa Body - Language - Communication: An international handbook on multimodality in human interaction*. Volume 2. 2005, p. 1687–1702.

NÚÑEZ, Rafael; SWEETSER, Eve. With the future behind them: convergent evidence from aymara language and gesture in the crosslinguistic comparison of spatial construals of time. *Cognitive Science*, v. 30, n. 3, p. 401–450. 2006.

- NYST, Victoria. A Descriptive Analysis of Adamorobe Sign Language (Ghana). Tese (Doutorado) – Universiteit van Amsterdam. 2007
- NYST, Victoria; MAGASSOUBA, Syla. Deaf signers in the Douentza, a rural area in Mali. In: ZESHAN, Ulrike; DE VOS, Connie. Sign Languages in Village Communities: Anthropological and Linguistic Insights. 2012
- PEREIRA, Éverton. “Fazendo cena na cidade dos mudos”: surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no sertão do Piauí localidade no sertão do Piauí. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.
- REED, Lauren. Sign languages of Western Highlands, Papua New Guinea and their challenges for sign language typology. Dissertação (Mestrado em Linguística) – The Australian National University, Canberra. 2019.
- RIBEIRO, Darcy. Diários Índios: os Urubus-Kaapor. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- STOIANOV, Diane. Phonological Dispersion in Maxakalí Sign. Artigo (Mestrado). UCL. 2016
- STOKOE, William. Semantic Phonology. Sign Language Studies, v. 1, n. 4, p. 107–114. 1991.
- SUMAIO, Priscila. Sinalizando com os Terena: um estudo do uso da LIBRAS e de sinais nativos por indígenas surdos. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Unesp. 2014
- TOMKINS, William. Universal indian sign language. San Diego: William Tomkins. 1926.
- VELUPILLAI, Viveka. An introduction to linguistic typology. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. 2012
- VILHALVA, Shirley. Índios surdos: mapeamento das Línguas de sinais do Mato grosso do Sul. Petrópolis: Arara Azul, 2012.
- WHORF, Benjamin. The relation of habitual thought and behavior to language. Language, thought, and reality. Cambridge, MA: The MIT Press. 1949 [1956]. p. 134–159

WHORF, Benjamin An American Indian model of the universe. *International Journal of American Linguistics*, v. 16, n. 2, p. 27–33. 1950.

YANO, Uiko; MATSUOKA, Kazumi. Numerals and timelines of a shared sign language in Japan: Miyakubo sign language on Ehime-Oshima island. *Sign Language Studies*, v. 18, n. 4, 640–665. 2018.

ZESHAN, Ulrike; DE VOS, Connie (orgs.). *Sign Languages in Village Communities: Anthropological and Linguistic Insights*. Boston/Berlin; Nimega: Walter de Gruyter; Ishara Press, 2012.